



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

DÉBORA CAROLINE ANUNCIÇÃO DA SILVA

**ENTRE A POESIA E A VERTICALIZAÇÃO, VÁRIAS FACES DE UM MESMO
LUGAR: UMA ANÁLISE PAISAGÍSTICA DA RUA DA AURORA, RECIFE – PE**

RECIFE
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS

DÉBORA CAROLINE ANUNCIÇÃO DA SILVA

**ENTRE A POESIA E A VERTICALIZAÇÃO, VÁRIAS FACES DE UM MESMO
LUGAR: UMA ANÁLISE PAISAGÍSTICA DA RUA DA AURORA, RECIFE – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Geográficas da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito à obtenção do
título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim
Maciel

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Débora Caroline Anunciação da.

Entre a poesia e a verticalização, várias faces de um mesmo lugar: Uma análise paisagística da Rua da Aurora, Recife - PE / Débora Caroline Anunciação da Silva. - Recife, 2024.

51 p. : il.

Orientador(a): Caio Augusto Amorim Maciel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Bacharelado, 2024.

1. Geografia Cultural. 2. Paisagem. 3. Rua da Aurora. I. Maciel, Caio Augusto Amorim . (Orientação). II. Título.

910 CDD (22.ed.)

DÉBORA CAROLINE ANUNCIÇÃO DA SILVA

**ENTRE A POESIA E A VERTICALIZAÇÃO, VÁRIAS FACES DE UM MESMO
LUGAR: UMA ANÁLISE PAISAGÍSTICA DA RUA DA AURORA, RECIFE – PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Geográficas da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito à obtenção do
título de Bacharel em Geografia.

Aprovada em: 24 / 10 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Bruno Ulysses dos Santos Cosme (Examinador 1)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marília Renata Felix Rodrigues (Examinador 2)

Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Esse sonho teve início há quase uma década, e apesar de parecer um tempo distante, quando eu levo em consideração minha relação no espaço-tempo, e todo constante amadurecimento que a Geografia ainda realiza em minha vida, todo o sentimento de descoberta e eterno aprendizado me fazem voltar ao mesmo sentimento do início da vida acadêmica. Por pouco, essa etapa tão fundamental para conclusão deste ciclo não seria finalizada, mas sou grata a Deus e ao Universo por me concederem forças necessárias para conclusão dessa jornada.

Agradeço a minha mãe Ana e minhas avós Dalva e Luiza. As maiores referências feministas que eu poderia ter na vida, ainda que elas não se enxerguem de tal forma. Em um mundo tão desigual e injusto conosco mulheres, crescer numa família matriarcal me fez entender desde cedo o nosso poder e força diante das adversidades.

Agradeço a Gutemberg, por todo apoio para que eu conseguisse finalizar essa graduação. Ao longo de toda essa jornada você foi meu maior incentivador e sempre acreditou no meu potencial, ainda que por vezes eu duvidasse de mim mesma. Você foi uma pedra fundamental para início e conclusão de todo esse escrito.

Agradeço as amigas de curso, Emmeli, Renilde e Raiza, pelos momentos e trocas durante essa caminhada, com certeza, sem vocês nada disso teria sido tão divertido e grandioso. Agradeço a Natalia Souza, pelos esclarecimentos durante a escrita desse trabalho. As amigas que me acolheram em momentos de dor, Bianca Alencar, Duda Rocha, Eduarda Porpino e Heloisa Souza, minha eterna gratidão, amo vocês!

“Da Rua da Aurora já se disse que é uma das ruas mais caracteristicamente recifenses: talvez a mais recifense. É de todas a mais cortejada pelo Capibaribe.”

(Gilberto Freyre)

RESUMO

A presente pesquisa aborda a evolução da Rua da Aurora, destacando sua importância na história e na paisagem urbana do Recife. Embora seja reconhecida pela sua beleza estética, a Rua da Aurora revela uma complexidade singular quando observada mais detalhadamente. Diante desse contexto, a pesquisa questiona como ocorreu a transformação da paisagem ao longo do tempo. O objetivo principal é analisar a paisagem cultural da Rua da Aurora, destacando seus aspectos poético frente à influência da verticalização, resultado do processo de modernização da cidade. Os objetivos específicos incluem refletir sobre conceitos fundamentais da geografia como Lugar e Paisagem, investigar a história de construção da rua e explorar as contradições presentes na paisagem, evidenciando elementos poéticos em contraste ao novo perfil gentrificador do bairro de Santo Amaro. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o conhecimento sobre a paisagem cultural em áreas históricas, enfatizando as dinâmicas espaço-temporais que moldam a identidade urbana.

Palavras-Chave: Geografia Cultural; Paisagem; Rua da Aurora.

RESUMEN

Esta investigación aborda la evolución de la Rua da Aurora, destacando su importancia en la historia y el paisaje urbano de Recife. Aunque es reconocida por su belleza estética, la Rua da Aurora revela una complejidad única cuando se observa con más detalle. Ante este contexto, la investigación cuestiona cómo se produjo la transformación del paisaje a lo largo del tiempo. El objetivo principal es analizar el paisaje cultural de la Rua da Aurora, destacando sus aspectos poéticos frente a la influencia de la verticalización, resultado del proceso de modernización de la ciudad. Los objetivos específicos incluyen reflexionar sobre conceptos fundamentales de la geografía como Lugar y Paisaje, investigar la historia de la construcción de la calle y explorar las contradicciones presentes en el paisaje, resaltando elementos poéticos a la luz del nuevo perfil de gentrificación presente en el barrio de Santo Amaro. Se espera que este estudio contribuya a ampliar el conocimiento sobre el paisaje cultural en áreas históricas, enfatizando las dinámicas espacio-temporales que configuran la identidad urbana.

Palabras-clave: Geografía Cultural; Paisaje; Rua da Aurora.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização da Rua da Aurora.	21
Figura 2. Planta topográfica do bairro da Boa Vista de 1821. Em grifo, a localização da futura Rua da Aurora.....	22
Figura 3. Ponte da Boa Vista (1º plano), Rua da Aurora, Igreja Anglicana, entre 1920 e 1930.....	23
Figura 4. Silhueta da Rua da Aurora até a ALEPE.....	23
Figura 5. Cartão postal do bairro da Boa vista, ao fundo o Edifício Duarte Coelho as margens do Rio Capibaribe.	25
Figura 6. Vista da rua da Aurora, 1966.....	26
Figura 7. Vista aérea da Rua da Aurora na década de 1970.....	26
Figura 8. Processo de urbanização do Cais da Aurora.....	27
Figura 9. Início da execução da requalificação do Cais da Aurora.	28
Figura 10. Primeiras imagens da requalificação do Cais da Aurora, dezembro de 2022.....	29
Figura 11. Mapa de Localização do bairro de Santo Amaro	30
Figura 12. Bairro de Santo Amaro e localização aproximada das vilas e grupos de casas erguidas pela LSCM.	32
Figura 13. Matéria jornalística evidencia crescente valorização imobiliária.....	33
Figura 14. Casario da Rua da Aurora	34
Figura 15. Palavras associadas pelos moradores.....	35
Figura 16. Palavras associadas pelos especialistas.	35
Figura 17. Estátua de Manuel Bandeira.	36
Figura 18. Casario em desuso no primeiro segmento da rua.....	37
Figura 19. Grafites avivam sobrados abandonados.	38
Figura 20. Escultura do caranguejo, homenagem ao manguebeat.....	39
Figura 21. Monumento ao Frevo.....	40
Figura 22. Monumento Tortura Nunca Mais.	41
Figura 23. Monumento Nunca Mais.....	41
Figura 24. Memorial Pessoas Imprescindíveis.....	42
Figura 25. Rua da Aurora vista da Ponte Buarque de Macedo.....	43

Figura 26. Prédios da “nova” Santo Amaro visto a partir do píer flutuante do Rio Capibaribe.	44
Figura 27. Tribunal de Contas de Pernambuco.	45
Figura 28. Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS.....	45
Figura 29. Sede Globo Nordeste.	46

Sumário

1. Introdução	11
2. Metodologia	13
3. Referencial Teórico-Conceitual	14
3.1 Geografia Cultural, outro jeito de analisar o mundo.....	14
3.2 Paisagem e Lugar: conceitos guias.....	16
3.3 Verticalização, um breve panorama	20
4. Contextualização da área de estudo	21
4.1 Rua da Aurora, histórico e evolução	21
4.2 O bairro de Santo Amaro.....	29
5. Resultados	34
5.1 Aurora Poética	34
5.2 A Aurora da “Nova” Santo Amaro.....	42
6 Considerações Finais	47
Referências	48

1. Introdução

Parafraseando Simone de Beauvoir, não se nasce recifense, torna-se recifense.

Se reconhecer enquanto recifense é coisa mais poderosa do que vínculo sanguíneo ou naturalidade, é algo que mexe com espírito, é de alma. É a sua percepção de mundo e sua relevância diante dele. Descobri-me filha e herdeira dessa terra apenas na adolescência, foi ouvindo Chico Science e Nação Zumbi, lendo Homens e Caranguejos de Josué de Castro, contemplando as águas do Capibaribe ao final de tarde na Rua da Aurora. Inclusive, vivenciar a Aurora durante os anos escolares, enquanto construía meu caráter e personalidade, foi essencial para desenvolver a sensação de pertencimento com a cidade. E é por conta dessa relação afetiva que partiu o interesse em estudar a dinâmica da paisagem cultural da Rua da Aurora para encerramento desse ciclo acadêmico.

Banhada pelo Capibaribe, a história de construção e evolução da Rua da Aurora se confunde com a própria história de ocupação e desenvolvimento da cidade do Recife. A cidade que “nasceu e cresceu em sucessivas levas de avanço das terras, inicialmente sobre o mar, depois sobre os rios, os canais, lagoas e alagados” (MENEZES, 1988, n.p.)

É nesse contexto, que a Rua da Aurora foi se desenhando por meio de sucessivos aterros, e hoje, é uma paisagem que faz parte da identidade visual do Recife. Porém, apesar da bela paisagem estética, que recebe os primeiros raios de sol da manhã em seus casarios coloridos banhados pelo rio, que constantemente é vendida em cartões-postais ou publicidade, um olhar mais aprofundado para a paisagem nos revela uma heterogeneidade muito mais complexa e singular. A partir dessas observações, surge a problemática desse trabalho, como se deu o processo de transformação da paisagem da Rua da Aurora? Sobretudo em sua porção de área inserida no bairro de Santo Amaro, onde suas torres e novas edificações alteram drasticamente a paisagem e contrastam com o cenário presente no imaginário popular.

Espera-se, portanto, que essa pesquisa possa ampliar o conhecimento e enriquecer o debate sobre a temática da paisagem cultural em áreas históricas, a partir

da observação das dinâmicas espaço-temporais e como elas influenciam na construção da paisagem urbana.

Este trabalho tem por objetivo principal analisar a paisagem cultural da rua da Aurora, caracterizando seu viés poético em contraponto à verticalização trazida pelo processo de modernização da cidade. E como objetivos específicos, refletir sobre a importância da geografia cultural e os conceitos norteadores da geografia como lugar e paisagem; investigar a história da construção e evolução da rua da Aurora e explorar as contradições observadas na paisagem, trazendo à luz elementos que caracterizam a parte poética em contraste ao novo perfil gentrificador no bairro de Santo Amaro.

2. Metodologia

A natureza desta pesquisa é descritiva-qualitativa, pois, “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42). Uma vez que, busca descrever os aspectos físicos, históricos, arquitetônicos e culturais da Rua da Aurora. Bem como, identificação de marcos, edifícios históricos, instituições culturais, atividades sociais e eventos que ocorrem no local. Assim como, análise de conteúdo para compreender as percepções, experiências e significados atribuídos à Rua da Aurora por seus frequentadores. Isso pode envolver explorar narrativas, memórias coletivas e práticas sociais associadas à rua. Dada a complexidade da paisagem cultural, a pesquisa pode ainda adotar uma abordagem interdisciplinar, integrando métodos de áreas, como geografia cultural, urbanismo, história, sociologia, arte e literatura, para obter uma compreensão mais abrangente e holística da Rua da Aurora.

Foram utilizadas nesse estudo diversas fontes de informações para obter dados sobre o assunto em questão. A partir de uma pesquisa inicial no Google Acadêmico foi possível encontrar artigos, livros e outros materiais acadêmicos, como teses e dissertações que contribuíram para o estudo e conhecimento tanto da área estudada como da temática em questão. Foi revisitada a ementa da disciplina de Geografia Cultural como forma de selecionar material bibliográfico para compor o teor conceitual da pesquisa. Além da análise de mapas e imagens disponíveis nos mais diversos meios eletrônicos, entre eles o Acervo digital da FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco) e o blog de imagens Recife de Antigamente. Ainda foram realizadas observações in loco entre os anos de 2019-2024 com o intuito de visualizar a dinâmica espacial e obter registros fotográficos para compor o acervo de imagens dessa monografia.

3. Referencial Teórico-Conceitual

3.1 Geografia Cultural, outro jeito de analisar o mundo

Conforme McDowell (1996, p.159):

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas.

O papel da abordagem cultural na geografia trouxe uma nova perspectiva e dimensionamento nos estudos da interação homem-natureza. Apesar de ser uma tradição da ciência geográfica, foi apenas no final do século XIX que a relação espaço e cultura ganhou notoriedade e tornou-se objeto de atenção de geógrafos alemães e franceses como Friedrich Ratzel (1844- 1904), Paul Vidal de La Blache (1845- 1918), Otto Schlüter (1872- 1952), para citar alguns.

Na geografia alemã, Ratzel foi o primeiro a introduzir o termo cultura em livro publicado em 1882, Antropogeografia. Nele, analisou alguns fundamentos culturais da diversidade dos homens usando abordagens etnográficas e/ou políticas. Conforme cita Claval (1995, p.13), Ratzel analisa a cultura

[...] sob seus aspectos materiais, como conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço. As ideias que a sustentam e a linguagem que exprimem não são quase nada invocadas [...] A ideia de luta pela vida limita, portanto, o interesse que tem Ratzel pelos fatos da cultura e dá à sua obra uma posição essencialmente política.

Enquanto na França, a introdução dos estudos culturais foi estabelecida por Paul Vidal de La Blache falando de cultura ao desenvolver uma maneira de distinguir variados estilos de vida por meio de seu conceito: gêneros de vida. “A noção de gêneros de vida permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios e as maneiras de habitar das diferentes civilizações: ela os organiza na sucessão dos trabalhos e dos dias [...] e aponta como se relacionam os hábitos dos lugares, as técnicas e as paisagens”. (CLAVAL, 2014, p.41). Ainda, segundo Claval (2014), para

La Blache o meio físico influenciaria os estilos de vida, porém a adaptação dos grupos humanos também podia modificar o ambiente, a depender de seu nível de civilização, cultura e tecnologia.

Observa-se que tanto a abordagem da Geografia Alemã como a Francesa, não abordaram a capacidade mental dos atores sociais imersos em meio cultural, e sequer, possuía a capacidade de estabelecer as relações entre as pessoas e o lugar (CLAVAL, 2001).

O debate sobre a dimensão cultural da paisagem, estendeu-se aos Estados Unidos ainda durante o início do século XX, tendo em Carl Sauer (1889-1975) seu principal expoente. Usando uma abordagem histórica, Sauer compreende dois modelos de paisagem a natural e a cultural. Entende-se por paisagem natural a que antecede a ação do homem, já a cultural é a área geográfica que contém em seu último significado a obra do homem caracterizando assim a paisagem (SAUER, 1998). Ainda segundo Sauer (1998) a geografia não se preocupa com energia, costumes ou crenças dos seres humanos, mas sim com a marca que o homem deixa na paisagem.

Desde o final do século XIX até meados do século XX manteve-se uma perspectiva positivista ou naturalista, onde a cultura é compreendida como material, não sendo analisadas questões ontológicas. Isso vem a mudar, a partir do final da década de 1970, quando se inicia um processo de renovação da geografia cultural, intitulado “Nova Geografia Cultural”.

A “Nova Geografia Cultural” surge como uma resposta crítica as abordagens mais tradicionalistas da geografia, que até então focavam mais em aspectos físicos e econômicos. Essa nova abordagem passa a destacar fatores culturais, simbólicos e subjetivos na formação e interpretação dos espaços e paisagens.

Neste contexto, ZANATTA (2008), destaca que a abordagem não se restringia mais a analisar a diversidade cultural com base em seus aspectos materiais, mas sim reconhecer que a cultura está intrinsecamente ligada ao sistema de representações, significados e valores que formam uma identidade, manifestando-se através de construções compartilhadas socialmente e expressas no espaço. Isso implica reconhecer que, em seu sentido antropológico mais amplo, a cultura representa todo o modo de vida de uma sociedade, abrangendo não apenas a produção de objetos materiais, mas também um sistema cultural, simbólico, imaginário e experienciado.

É dentro dessa nova abordagem que conceitos e ideias são reelaborados, diante da nova complexidade apontada e novos autores ganham destaque com suas produções, sendo Augustin Berque e Denis Cosgrove dois nomes de grande importância para essa renovação da Geografia Cultural.

Berque (1998) apresenta o conceito de Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz, onde amplia o conceito de paisagem sendo desenvolvido a partir de uma abordagem mais integrativa entre natureza e cultura, onde “marca” expressa a sociedade que a moldou e “matriz” diz respeito ao condicionamento da relação entre sociedade, espaço e natureza. Enquanto Cosgrove (1998) reformula o conceito de paisagem a partir de uma relação de representação, poder e simbolismo.

A redescoberta e valorização das características essenciais do humanismo abriram novas perspectivas para a análise da dimensão geográfica da cultura. Nesse sentido, o ser humano foi reinstalado no epicentro das preocupações dos geógrafos culturais, sendo visto como tanto produto quanto produtor de seu próprio mundo. A partir disso, a discussão conceitual em torno do lugar e da paisagem se faz primordial para o andamento desta monografia.

3.2 Paisagem e Lugar: conceitos guias

Para maior entendimento da paisagem cultural da Rua da Aurora, primeiro, se faz necessário a compreensão do conceito de Paisagem dentro do contexto da geografia cultural e da análise paisagística.

O conceito de paisagem sempre esteve presente dentro dos estudos geográficos, sendo considerado um conceito-chave da disciplina e essencial para seus trabalhos, uma vez que oferece uma perspectiva através da qual os geógrafos podem compreender a complexidade e diversidade do mundo. Por um certo período, o conceito de paisagem ficou restrito ao seu contexto morfológico, este desenvolvido por Carl Sauer no âmbito da geografia cultural, onde a paisagem é analisada basicamente por suas formas materiais, e como esses artefatos materiais, transformam a paisagem (RIBEIRO, 2007).

Sendo assim:

A geografia baseia-se, na realidade, na união dos elementos físicos e culturais da paisagem. O conteúdo da paisagem é encontrado, portanto, nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da área, em fatos de base física e fatos da cultura humana. (Sauer, 1996 [1925]).

Na década de 1980, a partir do movimento autointitulado “Nova Geografia Cultural” temos a chegada de novas abordagens, tendo em Denis Cosgrove um dos seus principais representantes.

Cosgrove traz uma nova visão para o conceito de paisagem, onde é levado em consideração aspectos subjetivos e simbólicos, até então ignorados, pois na concepção de Sauer e predominante à época, “as dimensões estéticas e subjetiva da paisagem existem, são reconhecidas, mas não fazem parte do interesse científico, na medida em que não podem ser classificadas e mensuradas (RIBEIRO, 2007, p.20).

Cosgrove desenvolveu um ponto de vista multidisciplinar para compreender o conceito de paisagem, enxergando-a não apenas como uma mera observação física, mas como um espaço permeado por significados culturais, históricos e sociais. Para ele, todas as paisagens possuem significados simbólicos “porque são produtos da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem” (COSGROVE, 1998, p108).

Segundo Cosgrove (1998), a paisagem é uma “maneira de ver”, e está intrinsecamente ligada a uma nova perspectiva de perceber o mundo como uma construção racionalmente organizada, cuja estrutura e funcionamento são compreensíveis para a mente humana, assim como para o olhar, e servem como orientações para os seres humanos em suas ações de modificar e aprimorar o ambiente. Neste contexto:

Paisagem é um conceito complexo de cujas implicações desejo especificar três: (i) um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; (ii) unidade, coerência e ordem ou concepção racional do

meio ambiente; (iii) a ideia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam nosso mundo. (COSGROVE, 1998, p.99).

Conforme analisa Ribeiro (2007), Cosgrove adotou o materialismo histórico-dialético numa tentativa de criar modelos compreensíveis da paisagem, numa tentativa de redução, buscando construir modelos explicativos para a forma como a sociedade cria e transforma sua paisagem. Para isso, introduziu os conceitos de "paisagens dominantes" e "paisagens alternativas" como parte de sua análise da interação entre poder, cultura e representação do espaço.

Onde paisagens dominantes, dizem respeito a representações e construções que refletem o poder e hegemonia cultural de grupos dominantes na sociedade. Perpetuando, por vezes, valores sociais e ideologias. Podem ser representadas pela arquitetura, monumentos e até mesmo o planejamento urbano, entre outros. Suas paisagens tendem a ser bastante difundidas e socialmente aceitas, influenciando dessa forma tanto a percepção pública como a identidade cultural do local.

Em contraponto, as paisagens alternativas representam visões contra hegemônicas do espaço. Cosgrove (1998, p. 116) salienta que: “por sua natureza, as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa”. Porém, elas opõem-se as narrativas dominantes, uma vez que oferecem perspectivas únicas e que desafiam ideias estabelecidas, contestando ou até mesmo subvertendo as representações dominantes do espaço.

Para Maciel e Barbosa (2021), a centralidade do conceito de paisagem a partir da abordagem cultural está na compreensão da convergência de entendimento entre as formas (fisionomias) e conteúdos (significados).

Por um longo período, o conceito de lugar na geografia esteve ligado a perspectivas positivistas, onde era empregado como significado de localização geográfica ou ideia de região. Conforme Leite (1998), é na década de 1970 no campo da geografia humanística que o conceito passa a receber novo significado caracterizando-se pelas relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao meio.

No contexto desta pesquisa, Lugar refere-se não apenas à localização física da Rua da Aurora, mas também aos significados, memórias, narrativas e práticas que a atravessam. Tendo alguns de seus principais expoentes Edward Relph e Yi-Fu Tuan.

Para Relph (1979), “(...) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas à tipos de experiências e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”.

Dentro da abordagem de Relph, o lugar é encarado com um produto da inter-relação entre indivíduo e o ambiente, dotado de valor simbólico e afetivo por aqueles que o pertencem e se sentem pertencidos.

Para Tuan (1983), o lugar é um espaço carregado de significado humano, onde as interações entre pessoas e seu ambiente físico moldam e são moldadas por experiências culturais, sociais e históricas. Levando em consideração não apenas os aspectos físicos do ambiente, como sua topografia, arquitetura, mas também os aspectos imateriais, como tradições locais, identidades e representações simbólicas.

O conceito de lugar de Tuan enfatiza a importância dos aspectos subjetivos, emocionais e culturais na percepção e significância dos espaços. “O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1983, p.387).

Para Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Os lugares guardam e são núcleos de valor, por isso eles podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias (insider) e relações externas (outsider). O autor supracitado distingue espaço e lugar: enquanto o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação; o lugar não pode ser compreendido sem ser ‘experienciado’ (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 4).

Conforme podemos observar, o conceito de paisagem pode se relacionar ao conceito de lugar, no sentido de que ela se torna significativa quando vivenciada por indivíduos que há ela atribui identidade e sentimento de pertencimento.

Mas afinal, o que tem a ver a Rua da Aurora com toda essa discussão conceitual? Iniciaremos a seguir contextualização sobre esta emblemática rua recifense, sua história e evolução.

3.3 Verticalização, um breve panorama

A verticalização das cidades é um processo espacial que produz como formas espaciais edifícios altos e/ou arranha-céus que possuem em sua grande maioria funções residenciais ou terciárias, de comércio ou serviço. O processo de verticalização no mundo teve início no final do século XIX, nas cidades de Chicago e Nova York, nos Estados Unidos, fruto do desenvolvimento tecnológico, como a invenção do elevador e a utilização de estruturas de aço nas construções, e do crescimento urbano e a escassez de solo.

No contexto nacional, o processo de verticalização das cidades brasileiras vem ocorrendo gradativamente desde a década de 1920. Impulsionado pelo crescimento demográfico, a migração para os centros urbanos e a crescente escassez e valorização dos solos. Entretanto, como bem sinalizou Silva (2008 p.16) “a intensificação da verticalização não é decorrente apenas da demanda por habitações, mas de uma rede de relações econômicas, sociais, técnicas que se entrelaçam criando novas paisagens na cidade”.

A verticalização não ocorre de forma homogênea na cidade. Há uma seletividade no uso do solo, o que implica em processos de valorização e especulação em determinadas áreas, enquanto outras regiões podem ser deixadas à margem desse desenvolvimento. Essa seletividade é guiada por interesses do capital que priorizam, sobretudo, o retorno financeiro.

4. Contextualização da área de estudo

4.1 Rua da Aurora, histórico e evolução

Localizada na parte central da cidade do Recife, na margem oeste do Rio Capibaribe, a Rua da Aurora está inserida entre dois dos principais bairros históricos da capital Pernambucana, ver figura 1. É delimitada ao norte pela ponte do Limoeiro no bairro de Santo Amaro, e ao sul pela ponte da Boa Vista, no bairro de mesmo nome.

Figura 1. Localização da Rua da Aurora.



Fonte: Google Earth, 2024, modificado pela autora.

Originalmente, o local em que hoje está inserida, consistia em um amontoado de terrenos alagados e áreas de mangue (figura 2), que passaram por diversos aterros até conceber seu desenho atual.

Figura 2. Planta topográfica do bairro da Boa Vista de 1821. Em grifo, a localização da futura Rua da Aurora.



Fonte: Acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, modificação SILVA, 2020.

Conhecido como pântano do Casimiro, após a concessão das terras alagadas à Casimiro Antônio de Medeiros, seu processo de aterramento tem início em cerca de 1829, cujo primeiro trecho se inicia a partir da altura da ponte da Boa Vista até a esquina onde hoje se localiza a Av. Conde da Boa Vista, à época chamada Rua Formosa. Possuía um uso misto, entre residências e outros serviços como a fundição de metais D'Aurora e a igreja anglicana Holly Trinity Church, conhecida como igrejinha dos ingleses, construída em 1938 e futuramente demolida em 1946 diante da necessidade de alargamento da Av. Conde da Boa vista. Hoje em seu antigo endereço encontra-se o Edifício Duarte Coelho e o monumento histórico tombado Cinema São Luiz.

Na figura 3, podemos observar o primeiro segmento da Rua da Aurora entre os anos de 1920 e 1930, tendo a Ponte da Boa Vista em 1º plano, na imagem ainda se encontra presente a construção da Igreja Anglicana.

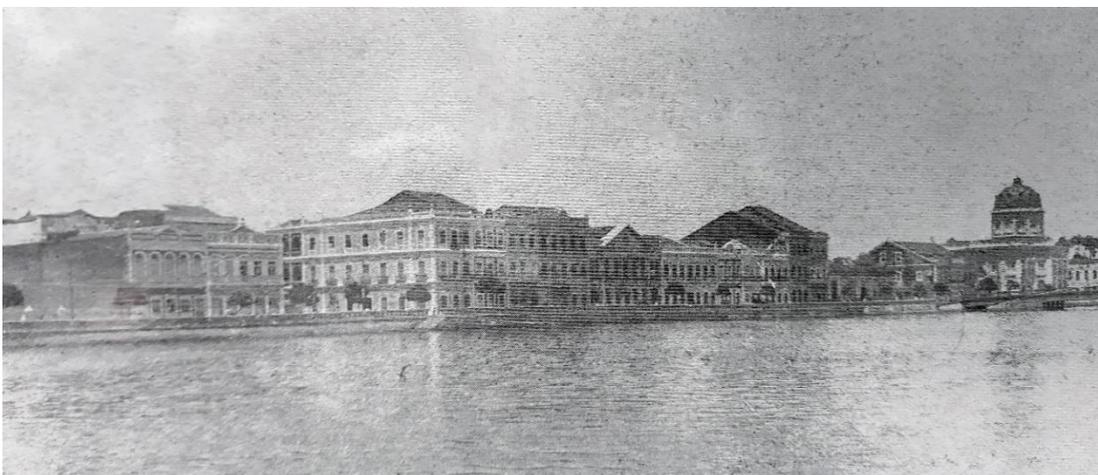
Figura 3. Ponte da Boa Vista (1º plano), Rua da Aurora, Igreja Anglicana, entre 1920 e 1930.



Autor: F. Du Bocage Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco

Na década de 1840, prosseguiram as obras de aterros e construções, dando molde ao trecho que hoje corresponde da Av. Boa Vista e a rua do Riachuelo. Esse trecho é marcado por construções e obras realizadas pelo Barão de Beberibe, um casarão onde funcionou a sede dos jornais A Tribuna. Ainda nesse trecho foi erguido e inaugurado em 1885 o Clube Internacional do Recife, onde funcionou até 1936, até ser transferido para o bairro da Madalena. Após a transferência, seu prédio passa a abrigar a sede da Prefeitura da cidade. Conforme aponta Silva (2020 apud Rocha, 1967), é a partir desse segundo segmento que começam a surgir os primeiros palacetes da nobreza pernambucana (ver figura 4).

Figura 4. Silhueta da Rua da Aurora até a ALEPE.



Fonte: FUNDARPE, 1983.

Os aterros foram se estendendo em direção ao norte e novas edificações foram sendo erguidas e moldando a rua muito próximo de como hoje conhecemos. Os aterros ainda possibilitaram que a Rua da Aurora se expandisse sobre os alagados do bairro da Boa Vista, alcançando Santo Amaro e estabelecendo uma conexão significativa ao longo da frente d'água do Rio Capibaribe. Dentre as novas construções destacam-se a implantação do Ginásio Pernambuco em 1866 e o prédio da Assembleia Legislativa em 1875.

Diante de sua localização estratégica e o sucesso dos aterros, que só finalizaram na década de 1949, a Rua da Aurora atraiu cada vez mais integrantes da elite pernambucana.

Durante as décadas de 1940 e 1950, Recife testemunhou a implementação de planos urbanísticos modernos, que envolveram demolições e redesenhos da malha urbana, especialmente na área central da cidade. Nesse contexto, a Rua da Aurora, que antes exibia uma paisagem predominantemente horizontal, marcada por sobrados, casarões e palacetes, passou por alterações conforme o ideal modernista que se difundia internacionalmente. Na rua da Aurora, as principais grandes demolições ocorreram no trecho das esquinas da Rua da Aurora com a atual Av. Conde da Boa Vista.

Apesar de tão marcante na fisionomia recifense, a Rua da Aurora, do ponto de vista da preservação, teve a grande desventura de estar localizada no centro do Recife. Como tal, não escapou dos especuladores nem dos “progressistas” defensores das largas avenidas e dos grandes edifícios. De modo que, o que foi construído com tanto esforço ao longo do século XIX, chega ao século XX bastante descaracterizado com o alargamento da Av. Conde da Boa Vista, rua do Riachuelo e com inúmeras demolições (FUNDARPE, 1983, n.p.).

É neste contexto que é construído o Edifício Duarte Coelho, primeiro edifício vertical com mais de 10 pavimentos na Rua da Aurora, onde antes, era localizada a igreja dos Ingleses. Tem-se assim o início de um processo de verticalização que se intensificou com passar dos anos. A verticalização tida como progresso tinha como principal consequência a supressão do casario histórico.

Figura 5. Cartão postal do bairro da Boa vista, ao fundo o Edifício Duarte Coelho as margens do Rio Capibaribe.



Fonte: Acervo Digital da FUNDAJ

O ápice de novas construções verticais ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970 (ver figuras 6 e 7), onde sete novos edifícios foram construídos na região da rua já inserida no bairro de Santo Amaro. Somente após esse período houve uma redução nas construções, período que coincidiu com a instituição de legislações que resguardavam a estrutura estética e colocavam limites as construções na Rua da Aurora.

Figura 6. Vista da rua da Aurora, 1966.



Fonte: Arquivo/DP/D.A Press

Figura 7. Vista aérea da Rua da Aurora na década de 1970.



Fonte: Alcir Lacerda, Fundação Joaquim Nabuco.

Ao final da década de 1960, a prefeitura do Recife aproveitando-se de parte da orla do rio Capibaribe inicia um processo de urbanização ao que viria a ser chamado de Cais da Aurora (figura 8). Uma proposta de modificação a nível de cidade, ao se perceber o destaque dessa frente d'água e como ela poderia ser tida como uma fachada do Recife, dado que as alterações realizadas nessa área podem afetar a percepção da cidade como um todo.

Figura 8. Processo de urbanização do Cais da Aurora.



Fonte: Revista O Cruzeiro. 8 Dez. 1970. N°50. Rio de Janeiro, p.92

De acordo com Loureiro e Souza (2006), ao longo dos anos o Cais da Aurora passou por diversas intervenções pontuais para reparos e melhorias. Entretanto, houve importantes alterações durante a revitalização ocorrida no ano de 2004, onde foram realizadas obras com forte política de esporte e lazer, onde foram construídos

diversos equipamentos como quadra poliesportiva, parque infantil, pista de caminhada e a primeira arena de esportes radicais do Recife.

No ano de 2021, a Prefeitura do Recife dá início ao novo projeto de revitalização do Cais da Aurora, dessa vez com o objetivo de valorizar a paisagem cultural do Cais, o projeto compreende um parque urbano linear com espaços de convivência e contemplação, onde todas suas intervenções visam integrar o rio à cidade.

Segundo a secretária de Infraestrutura do Recife, Marília Dantas, em lançamento do início das obras (ver figura 9): “O projeto foi feito de acordo com o conceito de parar o crescimento da cidade de costas para o rio. Agora tudo será olhando para o rio. Todas as intervenções são para criar a integração do rio à cidade.

Figura 9. Início da execução da requalificação do Cais da Aurora.



Fonte: Divulgação/Prefeitura da Cidade do Recife/Marcos Pastich

A secretária segue: “A obra foi dividida em sete varandas, essas duas, inicialmente, que já estão sendo implantadas, terão alguns equipamentos como o Parcão e o Skate Park, entre outras requalificações (ver figura 10), como o passeio que já está sendo melhorado tanto fora quanto dentro do trecho. A iluminação que vai ser estabelecida vai ser pensando tanto na segurança quanto no conforto de quem

utilize esse espaço. O projeto inteiro é pensado com esse aspecto do pertencimento, fazendo com que as pessoas queiram utilizar os espaços públicos”

Figura 10. Primeiras imagens da requalificação do Cais da Aurora, dezembro de 2022.



Fonte: BRUNO CAMPOS/JC IMAGEM

4.2O bairro de Santo Amaro

O bairro de Santo Amaro está localizado na região central da cidade do Recife (ver figura 11), possui 380 hectares de área, segundo a Prefeitura do Recife e sua posição estratégica o conecta a importantes vias de acesso da cidade, como a Avenida Norte, Avenida Cruz Cabugá, Avenida João de Barros, Avenida Agamenon Magalhães, além claro da Rua da Aurora.

Figura 11. Mapa de Localização do bairro de Santo Amaro



Fonte: Prefeitura do Recife, disponível em <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/santo-amaro>, acesso em 06 de junho de 2024.

Seu histórico de ocupação data desde o período da invasão Holandesa, conforme analisado por Santana (2019), onde em 1630 foi construído o Forte Waerdenburch, que após a expulsão holandesa o forte foi destruído e sob suas ruínas construída a capela de Santo Amaro das Salinas. O local fora denominado dessa maneira devido à produção de sal que ali havia. Até meados do século XIX, o bairro contava com baixa ocupação e pouca integração com restante da cidade, devido sobretudo a sua falta de estrutura e vias de acesso de ligação. Esse cenário começa a mudar a partir de 1817, com o início da construção da Estrada de Olinda, atual Avenida Cruz Cabugá.

Por ser localizado, a época, fora dos limites da cidade, o bairro recebeu diversos equipamentos ligados à morte ou saúde. Em 1814 foi construído o cemitério dos Ingleses, em 1851 recebeu o cemitério as Santo Amaro, o bairro já contava com o Lazareto de Santo Amaro, local onde os escravos traficados da África ficavam em quarentena (Santana 2019 apud Paraíso 1997).

Até início do século XX, sua ocupação era predominantemente próxima ao bairro da Boa Vista, porém esse cenário vem a sofrer alterações a partir do aumento da rede de mobilidade onde sua população majoritariamente de baixa renda ocupavam áreas desvalorizadas e suscetíveis a alagamentos. Foi durante esse período que houve o crescimento dos mocambos em Santo Amaro.

Durante as primeiras décadas dos anos de 1900, Recife foi marcado por diversos projetos de ampliação e remodelação que impactaram também o bairro de Santo Amaro. Até meados dos anos de 1930, a cidade é marcada pela crescente presença dos mocambos o que cobrou uma política habitacional por parte do Estado. Devido a sua localização, caracterizada por áreas de baixios próximo ao mar e a proximidade ao núcleo urbano da cidade, onde concentravam o comércio e os serviços, o bairro de Santo Amaro era o terceiro bairro com maior concentração de mocambos (Santana, 2019).

É dentro desse cenário que se inicia a Campanha da cruzada social contra o mocambo, e em 1939 é criada a Liga social contra o mocambo, cuja finalidade era promover a extinção dos mocambos e incentivar a construção de casas populares. Essa política foi característica de toda década de 1940 e parte de 1950.

A liga funcionou até 1945, quando perdeu caráter civil e foi transformada em autarquia pública do Governo do Estado, sendo nomeada de Serviço Social contra o Mocambo. Santana (2019) destacada que até os anos 1950, foram erguidas 16 vilas e dois grupos de casas, como pode ser observado na figura 12.

Figura 12. Bairro de Santo Amaro e localização aproximada das vilas e grupos de casas erguidas pela LSCM.



Fonte: PERNAMBUCO, 1948

Nos anos seguintes, o processo de industrialização trouxe uma nova forma de estruturação do bairro. As primeiras indústrias que se estabeleceram no bairro foram de caráter têxtil, alimentício e metalúrgico, acompanhando o desenvolvimento desses setores na economia nacional. Inclusive passando a contar com áreas incorporadas na legislação em Zona Industrial, além de contar também com uma Zona Comercial, tal qual observado por Santana (2019). Entre as décadas de 1960 e 1980, o bairro começa a sentir os efeitos da desindustrialização, muitas fábricas fecharam ou mudaram para outros endereços. Esse processo de desindustrialização deixa um legado de espaços degradados e/ou subutilizados, que por sua vez, dão início a um novo processo de reconfiguração do bairro.

A década de 1990 consolida o processo de desindustrialização do bairro, trazendo à tona também o esvaziamento populacional de boa parte da região central do Recife. Tal declínio trouxe um novo período de renovação ao bairro, sobretudo pelo aumento de investimentos ligados ao setor da saúde e novos empreendimentos imobiliários (ver figura 13), após mudanças na legislação e Plano Diretor da Cidade em 2008.

Figura 13. Matéria jornalística evidencia crescente valorização imobiliária.

MENU G1 PERNAMBUCO NORDESTE

16/05/2015 14h41 - Atualizado em 16/05/2015 18h05

No Recife, Santo Amaro modifica-se com surto de valorização imobiliária

Bairro da área central vê calmaria se perder com a chegada de novas obras. Pelo menos cinco prédios, uma igreja e uma empresa estão em construção.

Marina Barbosa
Do G1 PE

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST



Fonte: G1 Pernambuco, disponível em <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/05/no-recife-santo-amaro-modifica-se-com-surto-de-valorizacao-imobiliaria.html>, acesso em 06 de junho de 2024.

No entanto, esse processo acentuou desigualdades socioespaciais, na medida que a valorização de áreas específicas como a intitulada “Nova Santo Amaro”, nomenclatura dada ao processo de transformação que o bairro passou nas últimas décadas, onde a verticalização tornou-se força motriz trouxe consigo desafios sociais, entre eles a gentrificação.

5. Resultados

5.1 Aurora Poética

Denominar algo como poético implicar dizer que possui qualidades associadas à poesia, que vão além do simples uso de rimas e versos. Poesia nos evoca beleza, criatividade, emoção, imaginação, sensibilidade, resistência. E esses são alguns substantivos que facilmente poderiam ser utilizados para se referir a Rua da Aurora.

Presença constante no imaginário popular, parte da identidade visual do Recife, ou mesmo como indicado por Veras (2014), o postal recifense que mais emociona (ver figura 14). É carregada de simbolismo que a Rua da Aurora é uma das paisagens mais inconfundíveis do Recife. Seja por sua forte conexão com elementos naturais tão significativos aos recifenses, como às águas do Capibaribe, o manguezal, ou até mesmo seu patrimônio histórico e sua atmosfera cultural efervescente.

Figura 14. Casario da Rua da Aurora



Fonte: A autora, 2021.

Silva (2020) em sua dissertação de mestrado nos apresenta a visão de moradores e especialistas ao pedido de indicação de uma palavra que lhes representasse a Rua da Aurora. Tanto no grupo de moradores (figura 15) quanto o dos especialistas (figura 16), podemos observar o quanto se faz presente o caráter natural e nostálgico dos substantivos indicados.

Figura 15. Palavras associadas pelos moradores.



Fonte: Silva (2020).

Figura 16. Palavras associadas pelos especialistas.



Fonte: Silva (2020).

Ainda sobre o caráter poético encontrado na rua, podemos elencar outros elementos que compõem sua paisagem como: estátuas de poetas que viveram e escreveram a Aurora em seus versos, entre eles, Manuel Bandeira (ver figura 17), a obra faz parte do Circuito da Poesia, projeto lançado pelo Prefeitura do Recife no ano de 2005, onde estátuas de poetas foram colocadas estrategicamente no centro da cidade.

Figura 17. Estátua de Manuel Bandeira.



Fonte: A autora, 2023

O Conjunto Urbano da Rua da Aurora, uma série de imóveis tombados que abrange desde a cabeceira da Ponte da Boa Vista à Rua João Lira, logo após o Ginásio Pernambucano. Tal tombamento objetivou a preservação de parte da silhueta original da rua, encerrando a descaracterização ou demolição dos sobrados oitocentistas. Cabe destacar que, ainda que tombados, diversos imóveis encontram-se atualmente em situação de abandono, sobretudo os localizados nos primeiros segmentos da rua (ver figura 18).

Figura 18. Casario em desuso no primeiro segmento da rua.



Fonte: A autora, 2019.

A arte urbana também se faz presente em todos os locais, seja na pura manifestação estética das cores e formas dos grafites embelezando prédios e paredes abandonados (figura 19), até mesmo pixações que também são marcas da contracultura.

Figura 19. Grafites avivam sobrados abandonados.



Fonte: A autora, 2024.

A cultura popular também se faz presente na escultura do caranguejo de ferro (ver figura 20) em homenagem ao Manguebeat, mais que um movimento um cultural-musical, um marco divisor para emancipação de todo jovem recifense preocupado com a transformação social.

Figura 20. Escultura do caranguejo, homenagem ao manguebeat.



Fonte: A autora, 2023

O Frevo, patrimônio imaterial da humanidade, reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 2012, também se encontra homenageado em um belo monumento assinado pelo grande artista plástico Abelardo da Hora (figura 21).

Figura 21. Monumento ao Frevo.



Fonte: A autora, 2019.

Poesia também é memória, e é importante listar diversos monumentos presentes no Cais da Aurora que rememoram o caráter de luta e resistência da cidade e seu povo.

Seja relacionado à história da ditadura militar, onde encontramos o monumento Tortura Nunca Mais, obra do artista plástico Demétrio Albuquerque, foi inaugurado em 1993, é o primeiro monumento do país a homenagear os mortos e desaparecidos durante esse período nefasto de nossa história, a escultura em concreto, ferro e aço em posição fetal com referência a posição de tortura chamada de "pau de arara" mede 7.00mt x 7.00mt x 1.00mt (ver figura 22).

Figura 22. Monumento Tortura Nunca Mais.



Fonte: A autora, 2019.

O monumento Nunca Mais: homenagem à resistência e à luta pela anistia em Pernambuco (figura 23), retrata o sol como a certeza de um novo dia e representa o desejo de que os atos criminosos praticados no regime ditatorial não se repitam.

Figura 23. Monumento Nunca Mais.



Fonte: A autora, 2024.

O Memorial Pessoas Imprescindíveis (figura 24), obra de Cristina Pozzobon e Thiago Balém, inaugurado em 2009, homenageia os que lutaram contra a ditadura militar.

Figura 24. Memorial Pessoas Imprescindíveis.



Fonte: A autora, 2019.

5.2 A Aurora da “Nova” Santo Amaro

Após um período de legislações preservacionistas que buscavam a valorização do patrimônio histórico-cultural, ainda que apenas de forma parcial, uma vez que podemos observar que as medidas priorizavam apenas trechos de preservação e não a completude da rua. A Rua da Aurora experimentou um notável processo de verticalização e gentrificação a partir de 2008 com um novo perfil de construção que destoa completamente do entorno tanto em escala, como tipologia e é voltado sobretudo as classes média e alta da sociedade.

Segundo Silva (2020), um dos principais fatores para o crescimento da especulação imobiliária no bairro de Santo Amaro, se deve em grande parte a

revisão do Plano Diretor da Cidade em 2008 e de algumas normativas complementares que possibilitaram o aumento do coeficiente construtivo das edificações, além da falta de limite para gabaritos estipulados. São eles: a Lei de Uso e Ocupação do Solo (LOUS), lei nº 16.176/96; a lei nº 17.489/2008, que alterou parâmetros da LOUS na Zona Especial Centro Principal (ZECPP), a título informativo, as zonas especiais são áreas urbanas que exigem um tratamento especial na definição de parâmetros urbanísticos e diretrizes específicas; e pela revisão do Plano Diretor de 2008, lei nº 17.511/2008.

A partir de então, o setor imobiliário passa a se interessar cada vez mais em promover habitações nos arredores do centro histórico da cidade o que por sua vez, aumentou a valorização das áreas de frente d'água.

É claramente identificável o quanto essas novas construções (ver figuras 25 e 26) afetaram as últimas quadras da Rua da Aurora, visto que elas entregam uma lógica muito diferente ao local, de maneira que não buscam se associar nem a paisagem, nem ao lugar.

Figura 25. Rua da Aurora vista da Ponte Buarque de Macedo.



Fonte: A autora, 2021

Figura 26. Prédios da “nova” Santo Amaro visto a partir do píer flutuante do Rio Capibaribe.



Fonte: A autora, 2019

Porém, isso não é exclusivo dos novos condomínios residenciais de alto padrão. Podemos observar edificações de baixa significância arquitetônica, nomenclatura dada por arquitetos urbanistas a edificações que possuem pouca relevância do ponto de vista arquitetônico, histórico, cultural ou estético. Em prédios públicos como o Tribunal de Contas do Estado (figura 27) ou edificações que funcionam órgãos de regulação como o Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS (figura 28), incluo aqui também a sede da TV Globo Nordeste (figura 29).

Figura 27. Tribunal de Contas de Pernambuco.



Fonte: A autora, 2024.

Figura 28. Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS.



Fonte: A autora, 2019

Figura 29. Sede Globo Nordeste.



Fonte: A autora, 2019.

A globalização trouxe uma homogeneização em certos aspectos arquitetônicos que por muito empobrece a paisagem, especialmente quando ela é confrontada com o centro histórico de uma cidade como Recife. E nesse cenário, é interessante notar como a paisagem da Rua da Aurora reflete a própria história do Recife.

Por se tratar de um cenário ainda em desenvolvimento, não podemos prever como será o futuro. No entanto, é essencial refletir sobre os valores que futuros redesenhos e construções irão transmitir às próximas gerações, sobretudo em uma paisagem carregada de memórias como a Rua da Aurora.

6 Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, analisamos a complexa paisagem da Rua da Aurora e seus aparentes contrastes. Fundamentando o conhecimento técnico nos conceitos de paisagem e lugar, a partir da abordagem de Denis Cosgrove, Edward Relph e Yi-Fu Tuan, renomados autores da geografia cultural. Foi realizada uma análise que combinou pesquisa histórica, conceitual e observações de campo.

Destacamos como a paisagem histórica marcada pelo casario tombado e sua relação intrínseca com o Rio Capibaribe, permanece profundamente enraizada no imaginário popular, o que gera uma relação de pertencimento e reconhecimento, apesar da crescente alteração na paisagem. As mudanças no plano diretor da cidade em 2008 tiveram um impacto significativo para tais mudanças, impulsionando o interesse imobiliário e a maior procura pela vista privilegiada da frente d'água. Contudo, é crucial reconhecer que tais transformações não ocorrem sem consequências. Observamos uma preocupação crescente com a preservação da paisagem cultural da cidade, especialmente diante do surgimento de novas edificações que comprometem a memória e a identidade do local.

Para futuras pesquisas, recomenda-se uma análise mais aprofundada das legislações relacionadas aos centros históricos, bem como uma compreensão mais abrangente da importância da preservação da paisagem cultural das cidades e um aprofundamento no conceito de cidadania paisagística para a construção de cidades mais justas e igualitárias.

Em suma, este estudo oferece uma visão ampla da paisagem cultural urbana da Rua da Aurora, destacando tanto suas riquezas históricas e poéticas quanto os desafios contemporâneos que enfrenta.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para um diálogo mais amplo sobre a preservação e valorização do patrimônio cultural da cidade.

Referências

BERQUE, A. **Paisagem marca, paisagem matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In: CORRÊA R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, p.84-91.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EdUFSC, 1995.

CLAVAL, P. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana/ Paul Claval. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L, R. (org). **Matrizes da Geografia Cultural/** Organização Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. –Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001

CORRÊA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e Denis Cosgrove: a Paisagem e o Passado**. Espaço Aberto, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 37–46, 2014. DOI: 10.36403/espacoaberto.2014.2431. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431>. Acesso em: 8 mar. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **DENIS COSGROVE – A PAISAGEM E AS IMAGENS**. Espaço e Cultura, [S. l.], n. 29, p. 7–21, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3528>. Acesso em: 8 mar. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Formas simbólicas e espaço: algumas considerações**. Geographia, Niterói, vol. 9. n. 17, p. 07-18, 2007.

CORRÊA, J. S. **Geografia Cultural: uma breve história**. Geographia Opportuno Tempore, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 9–23, 2020. DOI: 10.5433/got.2020.v6.34824. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/34824>. Acesso em: 8 mar. 2024.

COSGROVE, D. **A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas**. In: CORREA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.) Paisagem Tempo e Cultura. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

FURLANETTO, B. H.; KOZEL, S. **Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma** - DOI 10.5216/ag.v8i3.24103. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 215–232, 2014. DOI: 10.5216/ag.v8i3.24103. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/24103>. Acesso em: 8 mar. 2024.

Gil, Antônio Carlos; **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

G1 Pernambuco, **No Recife, Santo Amaro modifica-se com surto de valorização imobiliária**. Disponível em <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/05/no-recife-santo-amaro-modifica-se-com-surto-de-valorizacao-imobiliaria.html>, acesso 06 de junho de 2024.

Jornal do Comércio, Disponível em <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2022/12/15141517-primeira-etapa-da-requalificacao-do-cais-da-aurora-no-recife-e-concluida-nesta-semana-veja-imagens.html>, acesso em 06 de junho de 2024.

LEITE, A. F. O Lugar: Duas acepções Geográficas. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, V.21/1998. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/6197>. Acesso em 10 de maio de 2024.

LOUREIRO, J. A.; SOUZA, V. R. F. P., **POLÍTICA DE LAZER E O ESPAÇO URBANO: a experiência da revitalização do Cais da Aurora em Recife -PE**. Motrivivência, Ano XVIII, nº 26, P. 155-167. Jun/2006.

MACIEL, C. A. A. **Espaços públicos e geo-simbolismos na “cidade-estuário”: rios, pontes e paisagens do Recife**. Revista de Geografia(Recife), v.22, p. 12-20, 2005. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistageografia/article/view/228633/23056>

MACIEL, C. A. A.; BARBOSA, D. T. **PAISAGEM**. GEOgraphia, v. 23, n. 50, 14 jun. 2021. Disponível em <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/50445>

MCDOWELL, L. A transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D. et alii. (Org.) **Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996

MENEZES, José Luiz Mota (org.). **ATLAS HISTÓRICO CARTOGRÁFICO DO RECIFE**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Editora Massangana, 1988.

MOREIRA, E. V., & HESPANHOL, R. A. de M. (2011). **O LUGAR COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL.** *Formação (Online)*, 2(14). Disponível em <http://https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645>. Acesso em 10 de maio de 2024.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências.** (Tese de Doutorado). São Paulo, Departamento de Geografia - USP, 2013. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09122013-114313/publico/2013_LeticiaCarolinaTeixeiraPadua_VCorr.pdf. Acesso em 10 de maio de 2024.

PREFEITURA DO RECIFE, Disponível em <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/17/05/2021/cais-da-aurora-passara-por-ampla-requalificacao-urbanistica>, acesso em 06 de junho de 2024.

PREFEITURA DO RECIFE, Santo Amaro, Disponível em <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/santo-amaro>, acesso em 06 de junho de 2024.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: Jr., Eduardo Marandola; Holzer, Werther. (org). **Qual o Espaço do Lugar? - Geografia, Epistemologia, Fenomenologia.** São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf. Acesso em: 8 mar. 2024.

SANTANA, Andresa Bezerra de. **Dos mocambos aos arranha-céus: o processo de formação do solo e estruturação espacial do bairro de Santo Amaro, Recife.** 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

SAUER, Carl Ortwin. **A Morfologia da Paisagem.** In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, Milena Torres de Melo. **A integridade visual da Rua da Aurora no Recife: uma reflexão sob a perspectiva da Paisagem Urbana Histórica.** 2020. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco,

Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38978>. Acesso em: 8 mar. 2024.

SILVA, M. T. M. ; LIMA, K. L. S. . **Rua da Aurora: Para além da Imagem Postal**. In: V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo ? V ENANPARQ,, 2018, Salvador. V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - EIXO 3 - PATRIMÔNIO, CULTURA E IDENTIDADE - Anais, 2018. p. 5904-5919. Disponível em: <https://paisagem.net.br/download/rua-da-aurora-para-alem-da-imagem-postal>. Acesso em: 8 mar. 2024

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência** / Yi-Fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira – São Paulo: DIFEL, 1983.

VERAS, Lucia Maria. **Paisagem Postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife Urbano**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento urbano) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13174>. Acesso em: 8 mar. 2024.

VERAS, Lucia Maria. **Paisagem Postal: A imagem e a palavra na compreensão de um Recife urbano**. 2015. Disponível em: <http://https://www.youtube.com/watch?v=oXKwxD2I5GM>. Acesso em: 14 de agosto de 2024.

ZANATTA, B. **A ABORDAGEM CULTURAL NA GEOGRAFIA**. Revista Temporis[ação] (ISSN 2317-5516), v. 9, n. 1, p. 224-235, 9 mar. 2017. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/5995/4103>. Acesso em: 8 mar. 2024.